

A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E A SUBJETIVIDADE DO TRABALHADOR

Cristina Miyuki Hashizume

Email para correspondência: crismiyu@gmail.com

Psicóloga. Doutora em Psicologia.

<http://orcid.org/0000-0001-9772-2672>

O trabalho é central na construção da subjetividade do indivíduo. Ao trabalhar, o indivíduo se constrói e transforma o mundo de modo a exercitar sua criatividade e inteligência (Athayde, 1999). Suas experiências e vivências diversificadas devem ser por ele próprio ressignificadas com vistas a romper com a visão ideológica e alienada do trabalho. Marx já nos pontuava sobre o grande perigo de nos animalizarmos com a mecanização, fragmentação e alienação a que o sistema capitalista nos submete. Do mesmo modo, a tendência de o capitalismo nos reificar, descartando a nossa humanidade, necessidades e sentimentos é grande, num mundo em que o fetiche se refere não apenas aos objetos de consumo, mas também aos valores que regem as relações sociais.

Apesar de já termos superado modelos de trabalho que desconsideravam a inteligência do funcionário, encarando-o como máquina (Taylorismo e Fordismo), passando por modelos que se utilizam da criatividade e astúcia do trabalhador (Toyotismo), ainda é notável a exploração desigual da empresa em relação ao funcionário em nome da ética do capital.

O mundo pós moderno rompe com paradigmas e parâmetros estáveis do mundo moderno, inserindo valores como o risco, a flexibilidade, a ilegibilidade, deixando o trabalhador à deriva da possibilidade de planejar sua carreira profissional a médio ou longo prazo. Com isso, nos deparamos com um trabalhador que tem a sua rotina e valores (caráter) redefinidos por uma lógica que se interessa em atender a imediatividade das mudanças instantâneas do mercado. O caráter do trabalhador pós moderno, corroído pela instabilidade, torna difícil manter laços solidários e compromissos nas relações interpessoais laborais. (Sennett, 2009; Ehrenberg, 2010) Ao mesmo tempo, banaliza práticas de competição, de superexploração e de desrespeito à qualidade de vida no trabalho formal, informal, terceirizado, no serviço público, dentre outros. Mesmo os trabalhadores que se encontram em uma situação aparentemente formalizada, experienciam frequentemente a insegurança e a competição, vivendo a “precariedade subjetiva” no trabalho frente a condições de competição, ansiedade e altas cobranças sem apoios organizacionais suficientes (Linhart, 2009).

Nas empresas, tais situações são propiciadas

pela permanente iminência do “não-trabalho” ou do “bico”, que representa a ameaça da “precariedade objetiva”, que pode levar o trabalhador, e junto com ele sua família, a uma situação de perda de poder aquisitivo, muitas vezes de grandes proporções, causando ruptura em suas vidas, perda de identidade profissional e isolamento social. Tal processo pode ser ainda acompanhado da ausência de assistência do Estado e de um futuro sombrio (Linhart, 2009). A ineficácia na atuação de políticas públicas de saúde do trabalhador, reabilitação profissional e de reinserção no mercado de trabalho é um grande desafio para nós, profissionais de Psicologia e áreas afins. Apesar da precariedade do sistema estatal de controle e vigilância da saúde do trabalhador, necessitamos nos engajar à temática, levando em conta, por exemplo, as estatísticas de saúde da OMS, de que os transtornos mentais chamados menores atingem 30% dos trabalhadores ocupados e os transtornos graves, cerca de 5% a 10% (Brasil, 2001).

A partir da complexidade das relações laborais do mundo pós moderno, torna-se cada vez mais necessária a construção coletiva de uma psicologia inter e transdisciplinar que seja capaz de construir um conhecimento científico que abarque a multideterminação sócio-político-social sobre o trabalho. A Psicologia, por sua vez, já que se encontra na intersecção entre os conhecimentos da saúde e das Ciências Humanas, tem o dever ético de se sensibilizar pelas questões inter e intrasubjetivas decorrentes dos impactos da precarização das relações de trabalho, inclusive no SUS, através das diferentes redes de apoio psicossocial, dando suporte aos trabalhadores, imersos nos diferentes cenários e desafios do mundo laboral contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- Athayde, M. (1999). *Psicologia e Trabalho: que relações?* In: JacóVilela, A.M.& Macebo, D. (orgs.) (1999) *Psicologia social: abordagens sócio-históricas e desafios contemporâneos*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Brasil, Ministério da Saúde (2001). *Doenças Relacionadas ao Trabalho: Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde*. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília: Ministério da Saúde.
- Ehrenberg, A. (2010). *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. São Paulo: Ideias e Letras.
- Linhart, D. (2009). *Modernisation et précarisation de la vie au travail*. In: Seligmann-Silva, E.; Bernardo, M.H.; Maeno, M.& Kato, M. (2010). *O mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador*. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 35(122), 187-191. doi: [10.1590/S0303-76572010000200002](https://doi.org/10.1590/S0303-76572010000200002)
- Sennett, R. (2009). *A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais*. Rio de Janeiro: Record.